

PIB

(4º trimestre de 1994 ao 4º trimestre de 1995)

Taxas	4º trim. 94	1º trim. 95	2º trim. 95	3º trim. 95	4º trim. 95
Trim./Trim. imediatamente anterior com ajuste sazonal	3,37	3,29	3,80	-1,31	1,97
Trim./Iguar trim. do ano anterior	9,73	10,36	5,77	1,04	0,18
Média ao longo do ano/igual período do ano anterior	5,94	10,36	7,95	5,57	4,20
Média de 4º trim./média de 4º trim. anteriores	5,94	7,23	7,95	6,56	4,20

Fonte: IBGE/DPF/Decna

IBGE divulga alta do PIB de 4,2% no ano passado

por Livia Ferrari do Rio

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu, em termos reais, 4,2% em 1995, segundo dados oficiais divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado foi fortemente influenciado pelo desempenho da agropecuária (crescimento de 5,9%) e do setor de serviços (5,7%). A indústria encerrou o ano com taxa de expansão de apenas 2%, abaixo, portanto, do crescimento médio global da economia brasileira.

A taxa de expansão do PIB em 1995 ficou bastante abaixo do aumento de 5,9% registrado em 1994. Ainda assim, o diretor de pesquisas do IBGE, Lenildo Fernandes Silva, considera o resultado "razoável" – especialmente porque 1995 foi um ano de consolidação da política de estabilização e de ajustes na economia.

Com base nesses números, o diretor do IBGE calcula que o PIB brasileiro, em valores nominais, atingiu, em 1995, um total de R\$ 620,4 bilhões ou de US\$ 677 bilhões – considerando-se, aí, uma taxa média do dólar de R\$ 0,918, no ano passado. Em 1994, o PIB alcançava R\$ 356 bilhões, equivalente a US\$ 522 bilhões (dólar médio de 0,645).

Lenildo Fernandes admite, contudo, que grande parte do valor nominal do PIB estimado para 1995 é explicada pelo efeito inflação – cuja média ainda manteve-se no ano passado. "O valor do PIB é calculado com base na evolução dos preços nominais da economia", explica ele. E a variação média da inflação de 1995 foi de 67,46%, medida pelo Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (IGP-DI) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O valor oficial do PIB de 1995, contudo, somente será conhecido em meados deste ano, quando as empresas já terão fechado seus balanços e suas declarações de Imposto de Renda e quando estarão concluídos os levantamentos do Sistema de Contas Nacionais consolidadas do País.

Considerando as taxas de crescimento do PIB e da população brasileira (1,42% em 1995), os levantamentos do IBGE registram, ainda, um aumento de 2,74% no PIB real "per capita" no ano passado – que atingiu a média de R\$ 3.975,00. Em dólares, o PIB per capita de 1995 sobe para US\$ 4.345,00 – com uma elevação de 27,94% na comparação com os US\$ 3.396,00 de 1994 –, refletindo a subvalorização da moeda americana no ano passado.

Isso significa que nos últimos três anos o PIB per capita acumulou um aumento de 10,2%, mas está ainda

Critérios diferentes

Com a divulgação, ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da taxa de 4,2% de crescimento real do Produto Interno Bruto (PIB) em 1995 reduzem-se as apostas do mercado sobre o desempenho da economia brasileira no ano passado. Os técnicos do instituto reconhecem, contudo, que durante os próximos meses ainda surgirão estimativas variadas do mercado sobre o valor do PIB no ano passado. Isso porque o valor oficial somente será conhecido em meados deste ano, quando o IBGE fechar seus levantamentos das Contas Nacionais consolidadas.

Valores diferentes de PIB, projetados pelo Banco Central ou pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), em dólar ou em real, não chegam a causar estranheza. O coordenador do Departamento de Contas Nacionais do IBGE, Almir Parente, observa que os números podem variar de acordo com o deflator utilizado para os cálculos de apuração da produção do País. No caso dos cálculos em dólar, tudo depende da taxa média do câmbio a ser utilizada.

Parente explica a metodologia adotada pelo IBGE: a apuração da taxa de crescimento do PIB no ano passado foi feita com base na variação média dos preços da economia em 1995, medida pelo Índice Geral de Preços-Disponibilidade Interna (da Fundação Getúlio Vargas) e comparada com a variação média de 1994. No caso específico, essa variação foi de 67,46%. "É diferente de usar como deflator apenas a inflação do ano, mês a mês", diz ele, ressaltando que "aí que mora o perigo" em termos de cálculos.

No caso do Banco Central, o cálculo do PIB – para medir o estoque de moeda e a evolução das dívidas – leva em conta a inflação mês a mês, com base no IGP-DI centrado. Trata-se de um índice apurado no início e no final de cada mês – o que permite, segundo seus técnicos, uma boa aproximação do nível de preços atingido no meio do mês.

abaixo da sua melhor marca, atingida em 1987. Entre 1990 e 1995, a alta acumulada é de 6,28%.

A análise do comportamento da economia ao longo do ano passado permite constatar que no primeiro trimestre de 1995 o PIB registrou um crescimento recorde de 10,4% na comparação com mesmo período do ano passado. Somente a partir de abril ficou evidenciado o impacto do aperto monetário e dos juros altos, que levaram a uma desaceleração sucessiva nas taxas de crescimento do PIB: 3,8%, no segundo trimestre, e 1,3% no terceiro trimestre, em relação ao trimestre anterior.

A retração da atividade nesses dois trimestres atingiu sobretudo a indústria, que acumulou queda de 11% no período (série dessazonalizada), anulando o forte crescimento registrado pelo setor nos três trimestres após o lançamento do real. "No entanto, as medidas de flexibilização da política monetária, adotadas a partir de meados de 1995, tiveram reflexo no nível geral de atividade, que voltou a crescer no último trimestre do ano, superando em 2% o resultado do trimestre

anterior", observa o diretor de Pesquisas do IBGE.

A indústria – com peso ponderado de 40,79% nos cálculos do PIB geral – foi o setor mais afetado pela política de restrição monetária no ano passado, especialmente no segmento da indústria de transformação (com expansão de apenas 1,6%) e da construção civil (0,3%). Comportamento diferente foi registrado pelo setor de serviços, que concentrou seu crescimento no segmento de telecomunicações (com uma expansão fantástica de 24,3%) e no comércio (7,4%). Em conjunto, esses dois ramos contribuíram com 78% da taxa de crescimento global de serviços. Os demais segmentos cresceram pouco, e as instituições financeiras chegaram a registrar retração de 7,4%, refletindo os ajustes no setor bancário.

A expansão de 5,9% na agropecuária no ano passado deveu-se principalmente ao desempenho da produção animal, com crescimento de 12%. O resultado reflete a alta no consumo de proteína animal pela população de baixa renda.